

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO  
CURSO PSICOLOGIA

**GUSTAVO VITOR MENDES BALDEZ LINDOSO**

**O AMBIENTE TEATRAL E OS IMPACTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
EXPRESSÃO DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO**

São Luís

2022

**GUSTAVO VITOR MENDES BALDEZ LINDOSO**

**TÍTULO: O AMBIENTE TEATRAL E OS IMPACTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
EXPRESSÃO DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Regienne Maria Paiva Abreu de Oliveira Peixoto.

São Luís

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Lindoso, Gustavo Vitor Mendes Baldez

O ambiente teatral e os impactos sobre a construção da expressão de gênero sob a perspectiva da análise do comportamento. / Gustavo Vitor Mendes Baldez Lindoso. \_\_\_\_ São Luís, 2022.

47 f.

Orientadora: Profa. Ma. Regienne Maria Paiva Abreu de Oliveira Peixoto.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Teatro. 2. Análise do comportamento. 3. Construção de Gênero. I. Título.

CDU 159.9.019.43

**GUSTAVO VITOR MENDES BALDEZ LINDOSO**

**TÍTULO: O AMBIENTE TEATRAL SOBRE A VISÃO DA ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO E OS IMPACTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO E EXPRESSÃO  
DE GÊNERO DOS SEUS PARTICIPANTES.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Ma. Regienne Maria Paiva Abreu de Oliveira Peixoto (Orientador)**

Mestra em Psicologia

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

---

**Psi. Lucas Barroso dos Santos**

Psicólogo

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

---

**Samuel Rubem Viegas Moreira**

Licenciado em Teatro

Teatro Arthur Azevedo (TAA)

Dedico a mim, minha Mãe e  
minha Tia, minha Madrinha e  
Padrinho e aos que amo e se  
fazem presentes em minha  
vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer inicialmente a todos os que se fizeram presentes durante o meu processo de formação. Dedico este trabalho a mim e à minha mãe Lucidalva, minha fonte de inspiração diária, professora dedicada, mãe acolhedora e amiga em todos os momentos, quem mais do que ninguém me incentivou e me incentiva na vida acadêmica e pessoal.

A minha tia Lúcia, que sempre esteve ao meu lado e esteve torcendo por mim, ao meu tio Fábio Santos, a quem carinhosamente chamo de pai, obrigado por acreditar sempre no meu potencial.

Para as minhas tias, que são fonte de inspiração constante Luanda, Luciana e Ana Lúcia, mulheres fortes na vida, professoras dedicadas. Para minha Tia Luanda que está encerrando o ciclo da graduação em psicologia ao mesmo tempo que eu, desejo sorte para as nossas futuras caminhadas na psicologia.

Quero agradecer em especial aos meus colegas de classe mais próximos que fizeram parte deste tempo e que tornaram as coisas mais fáceis, dizer que sou grato pelo tempo junto, pela disponibilidade, pelas conversas ao longo dos anos, pela construção conjunta do conhecimento que tenho hoje.

Quero agradecer a uma colega de curso que tenho um carinho enorme e que foi minha parceira e dupla quase que imbatível durante a graduação Aglaia Montenegro, obrigado por existir e por ter sido tão fundamental nesses 5 anos que passamos juntos.

Quero agradecer a Geovana Karla, amiga mais que especial que a graduação me deu, amizade que estimo e levarei para a vida, assim espero, colega de turma, amiga da vida, companheira de trabalho, ombro amigo e sorriso acolhedor, obrigado pela sua amizade.

A minha sogra Maria dos Remédios, que me acolheu como uma mãe, a quem tenho um carinho muito grande.

Dedico e agradeço aos meus Padrinhos, Raimunda Mendes e João Pereira, meus idosos como carinhosamente os chamo, meu alicerce, meu socorro, minha fonte de alegria, a quem dedico meu tempo sempre que posso, a quem tomo as brigas como se fossem minhas, que defendo, cuidei e cuidarei até que a vida decida nos separar, amo vocês de todo o meu coração, obrigado por terem sido e serem meu alicerce.

Agradeço a minha vó Nelcy, que infelizmente perdi antes que ela pudesse ver seu neto mais novo se formar, em partes a psicologia se apresentou na minha vida por conta dela, espero que ela sinta orgulho de onde ela estiver, amo muito você minha vó.

Quero agradecer imensamente a Davi Viana, meu namorado, amigo, companheiro, cúmplice, parceiro, pelos anos que me acompanhou na jornada da Psicologia, me viu entrar na graduação e está ao meu lado até este momento de saída, foram-se mais de 5 anos de convívio e muito a agradecer, os trabalhos que me ajudou a pensar, os desafios que me ajudou a superar, as lamúrias da vida acadêmica que ouviu e acolheu, os trabalhos que prontamente fez correções, as infinitas palestras e monólogos sobre os temas que me interessam na Psicologia, o dia a dia e a tudo, amo você! Obrigado por ainda estar aqui.

Para meus queridos professores de Teatro hoje meus amigos, que tanto me mostraram da vida e dos palcos na época do ensino médio, que me deram anseios de conhecer o desconhecido, explorar o novo, observar o diferente. Obrigado Andressa Passos, Nicolle Machado, Marcelo Morais, Renato Guterres, Jairiane Muniz, Matheus Baldez.

Ao PIBID de Teatro da UFMA, por ter dado a oportunidade de professores maravilhosos levarem oficinas tão incríveis para a escola em que estudava, e que me deixou marcas tão profundas que geraram o interesse em falar sobre o tema aqui pesquisado.

Aos meus amigos que vem me acompanhando a alguns anos e que no que depender de mim continuarão: Carlos Eduardo, Geovana Moura, Carol Dias, Hethyane Malone, Otávio Gomes, Alisson Barros, Luisangel Araujo, Estefane Rocha, Emanuel Oliveira, Elen Lira. Muito obrigado por serem tão leais e bons na minha vida.

Quero agradecer também as professoras incríveis que tive o prazer de conviver e de aprender muito com elas na graduação, Ilara Nogueira, Silvia Vale, Lidiane Collares, Gracielle Santana, Valeria Cardoso, Thayara Coimbra, Maria Emilia Alvares, Caroline Torres, Obrigado a todas vocês que me construíram enquanto futuro profissional da Psicologia, espero imensamente que em breve possa estar junto a vocês ajudando a construir outro psicólogos com tanta dedicação e amor pela profissão como os que vocês já ajudaram a construir.

Em especial quero agradecer profundamente à minha orientadora Regienne Peixoto, que além de ser a orientadora do meu TCC foi minha supervisora na Clínica Analítico-Comportamental no Serviço-escola de Psicologia da UNDB, me ajudando a construir o repertório que tenho hoje, me auxiliando em todos os desafios que foram surgindo, me acolhendo quando foi preciso, me reforçando quando fosse o momento de reforçar, me modelando quando necessário. Obrigado por tudo, sei que não fui o orientando mais calmo nem tampouco o estagiário mais paciente, mas você foi a melhor supervisora/orientadora que eu poderia ter. Obrigado, Regi!

“A educação é aquilo que sobrevive depois  
que tudo o que aprendemos foi esquecido.”  
(SKINNER).

## RESUMO

Esta pesquisa foi pensada com objetivo de abordar sobre o ambiente teatral e os impactos sobre a construção e expressão de gênero de seus participantes sobre a perspectiva da Análise do Comportamento, fazendo um paralelo entre as teorias de Gênero, do Teatro e o Behaviorismo Radical, assim, pontuando acerca das possíveis correlações entre as três áreas de conhecimento. O presente trabalho tem como objetivo geral compreender como o ambiente teatral influencia na construção e expressão de gênero de seus participantes. Os objetivos específicos deste trabalho são direcionados em três vertentes, a primeira é conhecer o teatro enquanto espaço de relação entre pessoas, a segunda sobre a construção do gênero, e por fim compreender como se dá a construção de gênero no teatro a partir do referencial analítico-comportamental. O trabalho é uma pesquisa, descritiva e exploratória com objetivo a compreensão do tema e do problema pensados sobre a óptica dos conhecimentos da Psicologia e do Teatro, tendo como instrumentos metodológicos a pesquisa teórico-bibliográfica e a revisão bibliográfica. Constatou-se que dentro do ambiente teatral, baseado em audiências não punitivas, a construção de gênero dos participantes pode se dar sem que haja o acréscimo de punição, além de uma possibilidade de variação comportamental de alta frequência e magnitude.

**Palavras-chave:** Teatro. Gênero. Análise do Comportamento. Ambiente não punitivo. Construção de gênero.

## **ABSTRACT**

This research was designed with the objective of approaching the theatrical environment and the effects on the construction and expression of gender of its participants from the perspective of Behavior Analysis, making a parallel between the theories of Gender, Theater and Radical Behaviorism, thus, scoring about the possible correlations between the three areas of knowledge. The present work has the general objective of understanding how the theatrical environment influences the construction and expression of gender in its participants. The specific objectives of this work are directed in three aspects, the first is to know the theater as a space of relationship between people, the second about the construction of gender, and finally to understand how the construction of gender in theater takes place from the analytical reference -behavioral. The work is a descriptive and exploratory research with the objective of understanding the theme and the problem thought from the perspective of Psychology and Theater knowledge, using theoretical-bibliographical research and bibliographical review as methodological instruments. It was found that within the theatrical environment, based on non-punitive audiences, the gender construction of the participants can occur without the accompanying punishment, in addition to the possibility of behavioral variation of high frequency and magnitude.

Keywords: Theater. Gender. Behavior Analysis. Non-punitive environment.  
Gender construction.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AC	Análise do Comportamento
AEC	Análise Experimental do Comportamento
ABA	Análise Aplicada do Comportamento
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNDB	Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TO	Teatro do Oprimido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1. O TEATRO E SUAS RELAÇÕES ENTRE PARTICIPANTES</b>	<b>17</b>
1.1 O teatro enquanto espaço de relações e trocas	17
1.2 Análise do Comportamento e Teatro	20
1.3 Audiência Não Punitiva	22
<b>2. MAS E GÊNERO?</b>	<b>25</b>
2.1 Algumas Ideias Sobre a Construção do Gênero	25
2.2 O Gênero e a Análise do Comportamento.	28
2.3 O gênero e o Teatro	31
<b>3. ENTÃO, O TEATRO É UM AMBIENTE REFORÇADOR E NÃO PUNITIVO?</b>	<b>34</b>
3.1 Seria o Teatro um Local Ideal Para a Construção do Gênero?	34
3.2 O Teatro Pode Ser um Espaço Não Punitivo	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia é em si um conglomerado de inúmeros conhecimentos que transversalizam com várias áreas de estudos na atualidade. Onde existem pessoas se comportando, a Psicologia se faz presente e necessária, e baseando-se por este ponto norteador, pode-se direcionar olhares para as múltiplas áreas e pensar como a Psicologia pode estar nesses dados conhecimentos.

O teatro, como um espaço de interação humana, é entendido por muitos como um contexto de se perceber no mundo, sendo assim, suas características podem subsidiar a observação de questões sobre a sua funcionalidade, suas nuances e sua influência nas vivências das pessoas que possuem conexão com ele.

Partindo destes pontos e pensando sobre uma correlação entre a teoria da Análise do Comportamento, o teatro e gênero, surge a possibilidade de compreender o teatro como um ambiente fértil para a construção e expressão de gênero. A construção de gênero pode ser compreendida também a partir de muitas visões diferentes. Direcionando-se por norteadores múltiplos, o gênero segundo Butler, é uma construção social, sendo assim, trazendo em seus estudos a noção acerca da atuação do gênero, onde é compreendido como uma performatividade, sendo o gênero uma construção social performática (BUTLER, 2014).

Sendo o ponto consonante destes assuntos a forma como o reforço social auxilia a construção do gênero a partir da ausência de julgamentos nas oficinas e a expressão construída dentro do teatro, distanciando-o da educação tradicional, somam-se para uma construção livre de preconceitos, podendo o sujeito naquele ambiente comportar-se de forma livre sem a apresentação de consequências nocivas e ou punições.

A construção do gênero sofre influência direta de variáveis como a cultura do indivíduo, a religião predominante entre outras variáveis. Assim alguns comportamentos serão atribuídos a meninos e outros a meninas, e tudo tem que estar em uma ordem, sem fugir ao padrão da normatividade, onde existe “coisa de meninos” e “coisas de meninas”, sendo essas definições controladores direto da forma de se ver perante o mundo.

Logo, percebe-se como o gênero perpassa questões intrinsecamente relevantes para os variados contextos sociais. Pensar um ambiente isento de regras que controlam os comportamentos dos sujeitos segundo parâmetros próprios é uma

tarefa que pode ser vista como quase impossível, porém, pensar o teatro é pensar em um ambiente que não está sobre controle das regras socialmente convencionadas, com base em cultura ou dominância religiosa, pois se mostra como um ambiente de construção constante.

O gênero pode ser entendido através dos comportamentos que fazem parte do repertório do sujeito a partir de um processo de aprendizagem em um contexto social “Entre um bebê humano do sexo masculino e um homem, na forma como a nossa sociedade o concebe – no seu jeito de ser, de falar, de andar, de vestir, de agir – há uma grande distância.” (BORTOLINI, 2014, p.15). Ou seja, o padrão de comportamentos apresentados por esse sujeito é construído ao longo de sua história de vida, associando assim, a fala do autor com o pensamento trazido neste trabalho.

O gênero se apresentará através dos comportamentos que foram treinados, reforçados e ou punidos. “Esses padrões são aprendidos e ensinados. Um menino não sai naturalmente correndo atrás de uma bola. Ele vai brincar de boneca e apanha.” (BORTOLINI, 2014, p.16). Esta ideia se alinha à proposta teórica apresentada por Skinner acerca do condicionamento operante: a probabilidade de um comportamento se manter presente aumenta quando reforçado e tende a diminuir se for punido.

O Teatro em seu contexto de construção se apresenta como um local onde os preconceitos estão suspensos temporariamente, tendo o intuito de propiciar aos envolvidos no momento uma experiência imersiva que possa desprendê-los de regras sociais, condutas prévias e experiências anteriores, para que o sujeito ali, possa estar aberto às possibilidades múltiplas que serão apresentadas a eles.

Um ambiente livre de julgamentos prévios reforça o sujeito a se comportar sem a necessidade de controlar o ambiente para que ele possa expressar seu gênero. A exposição a um ambiente que propicie o sujeito a se comportar sem que haja consequências punitivas para as respostas apresentadas pelo indivíduo, pode aumentar a possibilidade de a expressão de gênero acontecer de forma menos receosa. A construção de gênero está relacionada a toda a história de vida do sujeito, logo, a construção do gênero e sua expressão em um ambiente não punitivo poderá ser diferente da construção e expressão em um ambiente punitivo.

O ambiente do teatro é uma rica fonte de pesquisa sobre comportamentos e relações, sendo um contexto amplo que perpassa inúmeras questões que podem

ser pesquisadas e se tornar fonte construtiva para conhecimento multidisciplinar. Sendo assim, compreender como esse contexto impacta na construção e expressão de gênero de seus participantes e quais contribuições a Psicologia pode trazer para esse campo de conhecimento, geram margens para que esta pesquisa possa ser realizada. Assim, traz-se uma visão psicológica sobre os aspectos que fundamentam o teatro e suas nuances, e como as infinitas possibilidades que o teatro proporciona e impacta na construção e expressão do gênero.

Desta forma, a presente pesquisa que tem como problema a ser respondido: Considerando o referencial teórico da Análise do Comportamento, que variáveis dentro do contexto do teatro influenciam a expressão de gênero dos seus participantes?

Para a academia, a presente pesquisa irá abordar temáticas relevantes dentro das discussões acadêmicas atuais, trazendo consigo questões emergentes que possibilitam um desenvolvimento positivo de arcabouço sobre questões multidisciplinares referentes a gênero, teatro e a Psicologia. Sendo assim, os processos da Psicologia e do Teatro caminham em linhas paralelas, possibilitando a investigação acerca do ambiente do teatro e como esse ambiente influencia a construção do gênero a partir da audiência livre de julgamento.

Com esses norteadores, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar as variáveis que influenciam a expressão e a construção de gênero se no teatro, buscando compreender as formas pelas as quais o teatro proporciona a livre expressão de gênero, avaliando os impactos causados nos comportamentos dos sujeitos que estão em contato com esse ambiente e como a análise do comportamento enxerga tais questões. Analisando e revisando as literaturas relacionadas ao teatro e gênero.

Trata-se ainda de uma pesquisa bibliográfica que é o estudo da produção científica relacionada à temática em questão, “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, pag. 44)

Esta pesquisa foi construída a partir do método de pesquisa bibliográfica sendo uma pesquisa exploratória, segundo Gil (2002, pag. 41) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de

intuições.” tem entre seus objetivos a compreensão do tema e do problema pensados sobre a óptica dos conhecimentos da Psicologia e do Teatro.

Diante do exposto, esta pesquisa se propôs a analisar as variáveis que podem influenciar a livre expressão de gênero dentro do contexto do teatro, tendo como objetivo geral: analisar as variáveis que podem influenciar a livre expressão de gênero dentro do contexto do teatro, e objetivos específicos: discutir acerca da construção e expressão de gênero; identificar os padrões de reforçamento dentro do teatro para o comportamento de expressão de gênero; discutir a relação entre as contingências de reforçamento presentes no contexto teatral e seus efeitos sobre a expressão de gênero.

## **1. O TEATRO E SUAS RELAÇÕES ENTRE PARTICIPANTES**

Neste capítulo serão abordadas questões relacionadas às interações e relações interpessoais dentro do teatro, a possibilidade de construção no teatro, as ideias de dinamismo e variações no ambiente teatral, a construção conjunta e as noções que se assemelham dentro da Análise do Comportamento, fazendo uma correlação entre as noções básicas do teatro fundamentadas nas bases do Behaviorismo.

### **1.1 O teatro enquanto espaço de relações e trocas**

O teatro é um ambiente múltiplo, podendo ser compreendido como um espaço dinâmico, mutável, constitutivo e em movimento, espaço de ensino aprendizagem e de compreensão de si próprio. O seu espaço explora constantemente uma série de variáveis que influenciam seus participantes a repensarem inúmeras vivências experienciadas por eles previamente, convida a recriar e repensar ideias acerca de si próprio e sobre o mundo, dando uma nova noção sobre coisas preestabelecidas na vida dos participantes.

O valor que o teatro terá na vida de seus participantes pode ser entendido como reforçador na medida em que, os comportamentos apresentados nesse espaço são “enaltecidos”, ou seja, segundo a base da Análise do Comportamento é reforçado socialmente, o que poderá manter a aparição desses comportamentos mais vezes. O teatro nesse contexto pode ser compreendido como um mediador de processos, podendo em parte ser visto como um fazer com efeito terapêutico, assumindo para uma parte dos que estão ali presentes como uma atividade que terá esse fim, já que o valor que ele assumirá, está diretamente relacionado ao fazer teatral, aos processos particulares desta área e a forma como é aplicado, os aplicadores (professores,icineiros), o local e os objetivos como é pontuado por Oliveira.

O que está em discussão aqui não é o efeito terapêutico do teatro, mesmo porque não podemos afirmar que tais efeitos possam ser encontrados em todos os tipos de fazeres teatrais. Acreditamos que, em alguns momentos, isso até possa acontecer, tenha ele fins declaradamente terapêuticos ou não, em virtude da mobilização emocional envolvida nos processos de catarse e de identificação com as personagens e as temáticas universais abordadas, mas não constitui uma regra.(OLIVEIRA, 2012 p. 349)

O processo de reforço pode ser observado no teatro, sua presença seria marcada na forma ao qual as relações são estabelecidas, uma vez que, no processo ensino-aprendizado das artes (teatro) existe uma visão de construção coletiva, mantendo padrões que sejam compreendidos como “bons” para o coletivo como é pontuado por Machado (2016, p. 07) “Compreende-se que a escola não “só” lugar de aprender, mas é sara dos alunos aprenderem uns com os outros, na interação e mediação dos professores.”

As noções referentes aos aprendizados que estão sendo buscados dentro do teatro estão relacionadas diretamente com os públicos aos quais as oficinas estão direcionadas. Todos os públicos que se fazem presentes no teatro serão pilares para a construção do mesmo, devendo ser entendido como membros construtores e não somente como participantes passivos do processo como é pontuado por Balça, em uma visão direcionada a crianças podendo ser ampliada para outras faixas etárias:

E para entender a criança como criadora e construtora é preciso pensar o espaço ensino/aprendizagem como o lugar das experiências que buscam a escuta e a construção do diálogo e que não vejam as crianças como seres menores. Devemos vê-las como seres que criam, recriam, observam, selecionam e elaboram hipóteses sobre o mundo que o cerca. Assim, podemos articular o conhecimento das artes considerando um sentido de infância que entenda o olhar da criança sobre a vida, sobre seus anseios e seus dramas do dia-a-dia. (BALÇA, 2022, p. 05).

A exposição de vivências anteriores é fundamental para que o processo de compreensão do sujeito e sua constituição sejam assimilados, baseando-se na mediação que levante estes dados dos participantes, suas histórias de vida e suas experiências prévias. Assim, possibilitando um entendimento sobre a construção deste ambiente.

A forma como as relações entre os participantes são construídas e preestabelecidas são marcadas por uma série de variáveis, que influenciam a maneira como os sujeitos presentes no ambiente do teatro apresentar-se-ão e permanecerão, bem como eles se comportam através das regras estabelecidas e aceitas nesse local.

Desta forma, pode-se ver o teatro como um ambiente para além do aprendizado, como um ambiente de fomento às relações interpessoais, logo, sendo um ambiente que preconiza as audiências livres de julgamento. Pode-se assim fazer um paralelo entre as dinâmicas do grupo e os comportamentos apresentados no teatro.

[...] Primeiro, o grupo nasce em função do convívio, especialmente continuado; segundo, o convívio cria um grupo pelo tempo que perdurar o encontro, mas o que definirá se esses laços se transformarão em vínculos e os indivíduos desejarem repetir o convívio continuamente, serão outros fatores, como a identificação ideológica e estética. (SILVA, 2015. p.38)

Os participantes ali, estão presentes e se mantêm presentes, baseados nos reforçadores ali apresentados. Os processos que se fazem presentes e são vistos como processos de aprendizagem se assemelham os processos educacionais normativos, porém, com características singulares, que se demonstram como fontes quase que inesgotável de questionamento, ressignificação e construção contínua de tudo que é abordado diretamente nas oficinas e aulas. Sendo do mesmo modo para os participantes, que receberam a oportunidade de questionar, ressignificar e construir novos olhares, baseando-se nas relações presentes ali.

A função do grupo está para além de um conjunto focado em um objetivo; as relações que estão sendo construídas dentro do teatro podem se coadunar para uma formação linear, porém, singular para cada indivíduo ali, assim, reafirmando as modificações únicas que cada sujeito poderá experimentar.

Nesse contexto, o mediador (professor ouicineiro) tem um papel de fundamental importância como é pontuado por Machado (2015, p.08). “[...] à mediação do professor se desenvolva entre os alunos de diferentes hábitos, costumes e maneiras de pensar temas pouco discutidos na escola e que, sobretudo, compreenda que as relações interpessoais precisam ser revistas pela comunidade educacional”.

Em um misto do que se pensa ser o ambiente do teatro, destacam-se sempre as relações, refletir neste ambiente segue em ponderar sobre as pessoas ali presentes e concomitante a isso as relações que ali se fazem, entre mediadores e alunos, entre participantes, entre narrativas e até mesmo nos personagens que estarão nas dramaturgias trabalhadas, a base das relações interpessoais se faz absolutamente presente nesse contexto.

Como supracitado, as relações se apresentam constantemente no teatro, o que enfatiza a ideia de que o teatro é um ambiente fundamentalmente focado nas relações, sendo um local propício para o desenvolvimento de habilidades sociais, compreensão de papel social, classe social, noções de cidadania e da construção das relações.

Por tanto, pode-se observar que pensar o teatro para além do fazer teatral, como produtos resultantes, mas como processo vivo de educação e transformação, em um ambiente de fomento às relações interpessoais, que propicia um olhar aprofundado sobre como este ambiente impacta os sujeitos ali presentes. Este espaço proporciona aos participantes a oportunidade de vivenciar o dia a dia sobre um olhar único e singular, que poderá auxiliá-los a repensar o seu eu social.

## 1.2 Análise do Comportamento e Teatro

A Análise do Comportamento é uma corrente científica que tem como objeto de estudo os comportamentos emitidos pelo sujeito. O Behaviorismo Radical, base de conhecimento idealizado por B. F. Skinner, um psicólogo estadunidense que se dedicou às pesquisas acerca do comportamento, fundamentando sua teoria em estudos e ensaios científicos humanos e não-humanos, testando em laboratório como determinadas condições impactam no comportamento operante, baseado nas consequências das respostas apresentadas pelos sujeitos.

Para Skinner (2007, p. 131) o comportamento passa por um processo, sendo esse denominado modelo de seleção por consequência, o qual seleciona em três níveis, conforme indicado pelo autor:

Em suma, então, o comportamento humano é o produto conjunto de a) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies, e b) contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros, incluindo c) contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído. (Em última análise, obviamente, tudo isso é uma questão de seleção natural, uma vez que o condicionamento operante é um processo evoluído, do qual as práticas culturais são aplicações especiais).

Cada um dos três níveis de variação e seleção tem sua própria disciplina: o primeiro, a Biologia; o segundo, a Psicologia; e o terceiro a Antropologia. (SKINNER, 2007, p. 131)

Quando falamos em visão de homem nessa perspectiva teórica pensamos na seleção de comportamentos (que serão modelados) através da noção de reforçamento Skinner<sup>1</sup>. Deste ponto podemos compreender que os padrões

---

<sup>1</sup> Os eventos que se verifica serem reforçadores são de dois tipos. Alguns reforços consistem na apresentação de estímulos, no acréscimo de alguma coisa, por exemplo, alimento, água, ou contato sexual - situação. Estes são denominados reforços positivos. Outros consistem na remoção de alguma coisa - por exemplo, de muito barulho, de uma luz muito brilhante, de calor ou de frio

reforçados, serão selecionados e se manterão no repertório do sujeito. Logo, a probabilidade deste comportamento ser apresentado é maior, já que foi positivamente reforçado.

Pensando assim, o homem será constituído a partir das suas vivências, se expondo a contingências e tendo consciência sobre seus comportamentos. Esse modo de seleção de comportamentos subsidiará toda a compreensão do homem quando vista sobre a luz da análise do comportamento.

A criança que emitiu comportamentos e foi reforçada aprende a tomar iniciativas, a resolver problemas (emite respostas até ser reforçada pela solução do problema), a persistir diante de tentativas fracassadas até alcançar o sucesso, torna-se independente dos outros, já que ela se basta para conduzir sua vida e para enfrentar as dificuldades do cotidiano e desenvolve sentimentos de segurança, satisfação, coragem etc. (GUILHARDI, 2002, p. 13)

Observando o supracitado fica clara a ideia de que o indivíduo se comporta e monta ao longo de sua vida o seu repertório baseado nos contextos ao qual se expõe e como seu comportamento recebeu consequência.

No modelo de seleção por consequências, o comportamento se apresenta também por contingências mantidas por um ambiente cultural. O que se tem, enquanto sociedade, aceito como comportamentos ideias influenciará na seleção de comportamentos para o repertório do sujeito. Ou seja, o que o meio cultural tem por aceitável será reforçado e, assim, mantido socialmente.

No livro *Ciência e Comportamento Humano* (2003), Skinner trás a ideia de agências de controle de comportamento, pontuando-as entre: Governo e Lei, Religião, Psicoterapia, Controle Econômico e Educação. Essas agências, como Skinner (2003, p. 363) pontua, exercem "[...] um controle ético sobre cada um de seus membros através, principalmente, de seu poder de reforçar ou punir" - sendo estas fontes de manutenção social de comportamentos "adequados".

Assim, entende-se que os comportamentos que um indivíduo poderá apresentar ao longo da vida são modelados também por essas agências. Havendo, deste modo, uma manutenção social dos padrões adequados, para que o sujeito tenha acesso ao reforço por estar dentro do esperado e evite ser punido por não seguir as regras socialmente impostas sobre o comportamento. Isto se dá em um processo de conversação muito maior do que a própria subjetividade do sujeito,

---

extremos, ou de um choque elétrico - da situação. Estes se denominam reforços negativos. (SKINNER, 2003, Page. 81)

criando noções sociais que serão assimiladas como comportamentos culturais, que deverão ser mantidos para que a ordem social seja mantida.

### 1.3 Audiência Não Punitiva

A audiência não punitiva é um dos pilares da prática clínica analítico-comportamental. Oliveira (2015) define esta técnica como: “[...] não emissão de nenhuma consequência aversiva contingente às verbalizações do cliente” (p. 38). Desta forma, é possível constituir um vínculo mais forte com quem está sendo ouvido a ponto de tornar viável o compartilhamento de objetos/conteúdos delicados e que causam sofrimento à quem está falando de maneira mais confortável.

No processo terapêutico essa técnica caracteriza-se no ato de acolher o cliente, que é implicitamente convidado pelo terapeuta a se abrir e confiar que é possível emitir comportamentos como expor seus segredos, desconfortos e intimidades. Sendo assim, sustentar esse "abraço" é tecnicamente chamado de manter uma audiência não punitiva. Isso permite que o cliente se beneficie de consequências reforçadoras para seus repertórios envolvidos em relacionamentos íntimos (LIMA; NETO, 2015).

O comportamento íntimo é comportamento verbal, porque exige a presença de uma outra pessoa (literalmente ou figurativamente um ouvinte) para ser reforçado. Estar em uma relação íntima significa que a auto-revelação é validada por outra pessoa. Episódios de intimidade envolvem uma sensibilidade aos efeitos do comportamento do outro e proporcionam o contexto para empatia. O ambiente terapêutico, onde o terapeuta interage de maneira carinhosa, atenta, reforçadora, próxima à auto-revelação do paciente, é um exemplo de relação íntima. (VANDENBERGHE; PEREIRA, 2005, p. 130).

Porém, acerca da intimidade construída durante o processo terapêutico, Vandenberghe e Pereira (2005) afirmam que um único evento próximo não é capaz de criar um relacionamento íntimo. A formação da parceria íntima ocorre no mesmo sentido, inicialmente, e adquire duas direções somente quando ambas as partes emitem e reforçam comportamentos vulneráveis em um processo recíproco. Um parceiro íntimo é a pessoa cuja presença obtém controle de estímulo discriminativo sobre o comportamento vulnerável do outro.

Durante o processo terapêutico, quando o cliente faz a exposição de suas intimidades, ele está se vulnerabilizando, podendo ser altamente punido. Logo,

faz-se necessário que o terapeuta mantenha o uso da audiência não punitiva para que essa relação íntima continue perpetuando e o cliente siga emitindo esse comportamento, que será crucial no desenvolvimento e sucesso do processo. (VANDENBERGHE; PEREIRA, 2005).

Governo e Lei, religião, poder econômico, a Educação e a Psicoterapia são considerados por Skinner (2000) agentes de controle do comportamento humano, sendo a psicoterapia responsável por modificar padrões de comportamentos que foram previamente instalados no repertório do sujeito através de processos punitivos. Às vezes, o terapeuta corre o risco de ser apenas mais um membro de uma sociedade demasiadamente controladora, visto que, se o ambiente terapêutico estiver contaminado sobre as crenças e visões particulares do terapeuta, a construção não punitiva da audiência não será possível, já que haverá juízo de valor sobre o que será exposto pelo cliente. À medida que o terapeuta, aos poucos, estabelece-se como um público não punitivo, comportamentos até então punidos passam a ter uma "nova chance". Como efeito colateral desse processo, alguns resultados de punição como culpa, depressão, angústia ou rigidez podem ser extintos. (VANDENBERGHE; PEREIRA, 2005).

O uso do controle aversivo por audiências negativas pode gerar efeitos, como (1) fuga e esquiva, (2) emissão de comportamentos incompatíveis e supressão comportamental (i.e., a redução na probabilidade do responder), (3) ausência de repertório de autoconhecimento (i.e., o cliente não é capaz de descrever o seu comportamento e as variáveis que o controlam) e (4) respostas emocionais, a exemplo da raiva e da ansiedade. (QUEIROZ; MEDEIROS, 2022, p. 150).

Expôr as próprias experiências pode ser uma estratégia do terapeuta para se tornar vulnerável na relação com o cliente. A auto revelação pelo terapeuta pode consistir em compartilhar suas crenças, emoções e sentimentos sobre o que ocorre na terapia. Quando tanto o terapeuta quanto o cliente reforçam comportamentos vulneráveis à punição interpessoal, um relacionamento íntimo de mão dupla está sendo construído. (VANDENBERGHE; PEREIRA, 2005).

Queiroz e Medeiros (2022) quando o terapeuta se coloca como uma audiência não punitiva, os comportamentos do cliente, que antes eram punidos, começam a ser emitidos durante as sessões. Como resultado, comportamentos incompatíveis, tais como fuga e esquiva e respostas emocionais diminuem em frequência. Sendo assim, quando o cliente não é punido na sessão, esses

comportamentos aumentam de frequência, assim como os comportamentos incompatíveis.

[...]uma relação íntima entre terapeuta e cliente pode ser um ingrediente crucial, ligado à aceitação de sentimentos, à quebra de controle verbal e à oportunidade para que novos comportamentos emirjam. A conceituação da intimidade como um processo comportamental possibilita uma indagação empírica deste aspecto da relação terapêutica. (VANDENBERGHE; PEREIRA, 2005, p. 135)

Em suma, Queiroz e Medeiros (2022) aponta que, para a Análise do Comportamento, a audiência não punitiva tem como efeitos favoráveis e de sucesso: O aumento da confiança, uma vez que vínculos mais próximos são estabelecidos, favorecendo a abertura do cliente; o cliente passa a emitir os comportamentos que antes eram punidos e emitidos em baixa frequência, tornando-se menos resistente; o cliente passa emitir comportamentos que antes eram reprimidos através de processos punitivos discriminadamente, desenvolvendo assim repertório de autoconhecimento.

Assim, nota-se que pode haver um paralelo entre as teorias aqui apresentadas: a seleção por consequência (onde dentro das oficinas serão reforçados os comportamentos que são os esperados, a fim de construir um repertório mais adequado possível para o ambiente), e a audiência não punitiva (que proporciona a experimentação de novos comportamentos sem que haja consequências punitivas para tais variações comportamentais). Logo, ao colocar o teatro e as relações contidas nele sobre a luz da AC, observa-se que as rotinas de manutenção comportamental dos participantes, o reforço apresentado, o ambiente livre de punições, o ambiente educacional livre de amarras e propenso para o debate livre de temas socialmente censurados, tornam o teatro um ambiente extremamente reforçador, laboratório para “testes e ensaios” comportamentais dos participantes, livres de consequências aversivas.

A soma dos dados apresentados neste capítulo, auxiliarão na compreensão dos demais capítulos desta pesquisa, a posteriori os assuntos abordados separadamente serão vistos em uma análise que correlacionam as temáticas a fim de investigar ao que esta pesquisa se propõe.

## **2. MAS E GÊNERO?**

Neste capítulo serão debatidas ideias acerca da compreensão e construção sobre gênero, colocando ideias que sejam lineares aos objetivos desta pesquisa, expondo dados históricos e contemporâneos que se correlacionam e demonstram como as ideias acerca das teorias de gênero possuem uma estrutura que se correlacionam, usando variadas fontes de pesquisa a fim de demonstrar a ideia acerca do conceito de gênero, o gênero para a análise do comportamento e o gênero dentro do teatro.

### **2.1 Algumas Ideias Sobre a Construção do Gênero**

A ideia factual por trás do conceito de gênero pode ser compreendida através de inúmeras visões e vertentes, as múltiplas áreas de conhecimento científico percebem o gênero através de perspectivas diferentes. Assim, o conceito por trás de gênero não está cristalizado, mas é um constante debate de construção sobre si próprio.

Os debates acerca da construção do gênero fazem parte de um arcabouço teórico rico, vivo e que se constrói diariamente. As ideias de gênero podem ser entendidas com uma fonte quase que inesgotável - a própria noção do gênero é debatida em muitas frentes, sendo colocada por pontos de vista biológicos, em que o gênero é correlacionado com questões cromossômicas, com visão social com os papel social, como construção social, e como é analisado neste trabalho uma performatividade, como pontuado por Butler (2003).

O conceito de gênero vem se modificando ao longo da história da própria humanidade. Os meios como as muitas sociedades foram construídas no mundo, o tempo de aceitação de mudança das ideias sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, o que é papel masculino e o que é papel feminino na sociedade.

Bem como o que é permitido socialmente fazer sendo homem e o que é permitido socialmente fazer sendo mulher, o que vai de frente ao tradicionalismo e muda a ideia da permissão social, o que impacta na forma de ser lido dentro da sociedade, demonstra como o gênero vem sendo desconstruídos, construído, reconstruídos, moldado, remodelado a si próprio, como é proposto por Butler (2003) repensar o gênero.

Compreender o que está por trás de um conceito tão amplo requer repensar até mesmo a forma aos quais as estruturas sociais básicas foram construídas, para além dos conceitos previamente formados que outrora eram soberanos, onde o padrão hegemônico era basicamente doutrinado e o que estava afastado deste padrão era segregado sem a possibilidade de compreensão mínima, o que incube uma invisibilização social para tudo aquilo que não se alinhava nas linhas curtas e singulares dos conceitos antes aceitos sobre gênero, podendo ser compreendido da seguinte forma:

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. (BUTLER, 2014, P. 253)

Os preconceitos entrelaçados e enraizados em nossa sociedade em que ainda rotula e deixa tal rótulo como hegemônico, como pontuado por Bortolini (2014) uma noção regredida em contramão aos pensamentos atuais, sobre o que é o papel do homem e o que é o papel da mulher.

Em uma organização social desvantajosa, no qual a segregação baseia-se na ideia de submissão feminina contraposta a hipervalorização da masculinidade. Como padrão de aceitação e de dominância social, pontos aos quais ainda reverberam na manutenção de quadro segregatórios profundos.

Nesse processo, se percebem as diferenças, mas os sujeitos que não se encaixam nas expectativas hegemônicas têm de se despir de suas diferenças e se adequarem à norma. Esse processo pode ser percebido em posturas muito comuns, quando se propõe que alunos e alunas devem ser enquadrados/as ao que a normatização hegemônica de gênero e sexualidade estabelece. Meninas que não se comportam conforme as prescrições hegemônicas da feminilidade devem ser corrigidas. Meninos muito quietos ou introspectivos podem trazer algum indício de problema. Proliferam regras sobre os detalhes dos usos da roupa, dos adereços, das expressões de afeto e de sensualidade (BORTOLINI, 2014, p.39)

Dentre o que é supracitado, nota-se que a distinção entre homem e mulher acarreta em si uma gama quase infinita de problemáticas sociais que se correlacionam com demais demandas sociais e que acabam por si próprias consolidando uma série de variáveis no que diz respeito ao papel social de cada gênero, e como a construção das sociedades compreendem o que é gênero.

A naturalização da correlação biológica entre o órgão genital e o gênero ao qual o sujeito deve pertencer e ser em nossa sociedade é tão intrínseco que traz consigo uma carga pré determinada do que é certo ou errado, sem aos menos

considerar o sujeito ali, em uma relação quase que de dependência obrigatória, como pode ser observado na passagem de Patricio (2021, p. 7):

Podemos fazer uma distinção entre sexo e gênero que nos ajude a compreender como o papel social da mulher é determinado, sendo o sexo biológico um estímulo discriminativo para a sociedade, que define como aquela pessoa será condicionada desde o seu nascimento, e o gênero, o resultado do processo de condicionamento em si, uma construção estabelecida por práticas culturais, que determina as possibilidades para homens e mulheres.

Assim, compreende-se que o sujeito já tem desde o nascimento, padrões de comportamentos que serão reforçados e punidos por serem previamente delimitados como comportamentos de homens e mulheres, deixando evidente por práticas culturais os comportamentos que serão possíveis para cada gênero.

[...] a criança vai construindo sua identidade de gênero por meio da observação da diferença ou igualdade entre ela e as pessoas com quem convive, da consciência do seu sexo biológico e das expectativas de comportamento que são geradas em torno da sua condição enquanto menino ou menina, e reveladas nas relações sociais estabelecidas em primeiro lugar em casa, pela família, e posteriormente nas comunidades em que a criança vá se inserindo, a exemplo da escola, com seus parceiros sociais. (CUNHA, 2016. p. 06).

Esses comportamentos delimitados se apresentam de inúmeras formas na vida do sujeito, como pontuado por Pascoto (2006). Pode ser visto desde antes do nascimento, pois logo que descoberto o órgão genital do bebê os pais já determinam o gênero dele, celebram em festas e falam sobre receber um menino ou uma menina, e tendem a ter um conjunto de comportamentos que reforcem a ideia de menino ou menina - se for menina tudo será comprado rosa se for menino tudo será azul.

Portanto, ao nascer, a criança encontra condições que lhe são preexistentes. Tais condições favorecem a manifestação posterior de comportamentos relacionados ao seu sexo, que costumam ser designados como comportamentos “de gênero”. No decorrer do desenvolvimento, a criança construirá sua identidade a partir de sua sexualidade. (PASCOTO, 2006, p.1).

Assim, nota-se que a construção do gênero já se faz presente desde antes mesmo da compreensão básica sobre o próprio corpo. A impossibilidade de pensar esse corpo como algo à ser desenvolvido em contrapartida à ideia de que o bebê já nasce com uma predisposição por ter x ou y sexo biológico, resalta que as

regras socialmente impostas ao gênero são mais fortes do que a própria compreensão sobre o seu próprio corpo como é trazido por Cunha (2008)<sup>2</sup>.

A compreensão sobre a construção do gênero está atrelada a conceitos muito amplos, por isso determiná-lo é um processo difícil que requer um debate profundo sobre quase todas as estruturas e normas impregnadas na sociedade, “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexuais, reprodutiva e médico-jurídica” (BUTLER, 2003, 41). Assim gerando muito um desconforto em debater o que para muitos é uma verdade absoluta que impacta e faz refletir sobre si próprios.

## 2.2 O Gênero e a Análise do Comportamento.

Como foi visto anteriormente, o gênero é algo que além de socialmente reforçado, encontra-se condicionado a uma série de variáveis ambientais, não somente a uma designação biológica mas a um padrão de comportamentos que é socialmente aceito e delimitado para quem for designado como menina e quem for designado como menino.

Quando pensamos no condicionamento de práticas que estão ligadas a comportamentos de nível social, estamos falando da manutenção social de padrões muito maiores, que são passados de geração em geração como é apontado na seguinte citação:

Deste modo, em um indivíduo, a reprodução e a variação de operantes estão relacionadas às consequências: os operantes repetem-se porque geram consequências reforçadoras em determinadas situações. O mesmo ocorre na reprodução de certas práticas culturais. Porém, ao abordar o nível da cultura, o conceito de reprodução está relacionado à transmissão e preservação de práticas para as gerações seguintes, ou seja, à transmissão

---

<sup>2</sup> Pode-se dizer que a base das diferenciações de gênero é biológica, ou melhor, tem origem no sexo corporal, mas a construção da identidade de gênero se processa num contexto social determinado, e a partir da própria atividade estruturante do sujeito. Por conseguinte, três aspectos são fundamentais para a construção da identidade de gênero: o determinismo genético, o meio social e a experiência individual.

O determinismo biológico é a primeira influência na gênese da identidade de gênero, uma vez que a formação cromossômica se encontra na origem da diferenciação dos sexos.

O meio social é decisivo nessa construção na medida em que a criança nasce em um ambiente em que as condições sociais lhe são pré-existentes e aprende, por meio da socialização, atitudes adequadas ao seu sexo.

O bebê recebe essas informações que lhe são fornecidas pela sociedade, estrutura essas informações e constrói significações para se tornar um membro competente de sua cultura. Essa organização é processada a nível cognitivo e revelada na atividade da criança.

de operantes entre os indivíduos de determinado povo. (DOS SANTOS, VALVERDE e RUBIO, 2017, p.84)

Os pais quando descobrem o sexo dos filhos, já idealizam e começam a colocar estímulos referentes ao gênero que é associado ao órgão sexual apresentado pelo bebê de forma discreta, em pequenos gestos, ações, objetos e decorações:

Desde o nascimento, a criança evolui em um ambiente físico diferenciado, desde a decoração do ambiente, até os objetos da criança (brinquedos, vestimenta, etc.). O ambiente preparado antecede a própria criança, que se desenvolverá a partir do que lhe foi proposto, introjetando uma possibilidade de ser um indivíduo que se tornará único. Este fato é histórico e, mesmo considerando as grandes transformações sócio-culturais, o meio preparado para meninos e meninas permanece, ainda, bastante convencional. (PASCOTO, 2006, p.15 e 16)

Será dado a essa criança uma série de estímulos que remetem ao gênero ao qual ela supostamente deve pertencer, em um processo indutivo e socialmente reforçado, pela ideia comum de um dito popular bem característico de muitas sociedades “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, e até pelos padrões de brincadeiras e brinquedos - onde meninos são estimulados a brincadeiras e jogos de contato e violentos, e as meninas a brincarem com bonecas e objetos que remetem ao cuidado<sup>3</sup>.

[...] Análise do Comportamento no que se refere à suposição de que as diferenças dos comportamentos entre gêneros são aprendidas, refutando a noção internalista/biológica de que eles se devem a diferenças “naturais” entre homens e mulheres. Assim, embora usando terminologias diferentes, ambas as abordagens consideram que, a despeito das diferenças fisiológicas entre mulheres e homens, a desigualdade entre gêneros é estabelecida ao longo das experiências individuais (ontogenia) e dentro do grupo a que pertence o indivíduo (práticas culturais).

---

<sup>3</sup> No lado das meninas: bonecas, panelas, casas, fogões, geladeiras, liquidificadores, fraldas, mamadeiras, roupas de bebê, bercinhos que continuam reafirmando o lugar da mulher mãe e dona de casa. Além disso, estojos de maquiagem, bolsas, esmaltes, roupas, acessórios e bonecas sensuais ensinam que modelo de mulher aquela menina deve ser: magra, branca, jovem, sempre bonita e desejável.

Para os meninos, brincadeiras e brinquedos que associam a masculinidade com a força, a coragem, a violência e a aventura. Os meninos ganham carros, bolas, armas dos mais variados modelos e tamanhos mostrando que a norma para eles é a agressividade, o movimento, a ocupação dos espaços. Brincadeiras de soco, de guerra, de luta são apresentadas aos meninos desde pequenos, ensinando cotidianamente a forma ‘legítima’ de ser homem, onde a violência é parte fundamental da masculinidade.

Nesse jogo de rosas e azuis, os meninos constroem a sua identidade a partir também da negação e inferiorização daquilo que é considerado feminino. A diferença, aqui, sustenta a desigualdade. Homens e mulheres não só são diferentes, como o masculino vale mais do que o feminino. Ser comparado a uma menina se torna motivo de vergonha, de inferioridade. (BORTOLINI, 2014, p. 50 e 51)

Portanto, ao se considerar que a visão de mundo behaviorista radical tem como centro a noção de que as ações humanas são resultado da interação constante dos organismos com o seu ambiente social (além do ambiente físico), essa filosofia/abordagem psicológica é compatível com o que é defendido por muitas feministas que negam a existência de essências inatas aos seres humanos, no caso, essências masculinas e femininas, bem como coincidem com a noção de que compreender o comportamento humano é um instrumento para a mudança social. (DE GODOY NICLODI, HUNZIKER, 2021, p. 166)

O gênero quando pensado pela AC diz respeito a um processo de análise histórica do comportamento, por meio da ideia central da manutenção dos padrões de comportamento dados a meninos e meninas ao longo da história, o reforço oferecido para que esse comportamentos sejam mantidos entre as gerações bem como as punições para quem foge desse padrão imposto, são marcadas e pontuadas por De Godoy Nicolodi, Hunziker, (2021, p. 170) ao abordarem a ideia de poder entre os gêneros em uma visão behaviorista.

Sendo assim, o poder histórico de estabelecer contingências, por parte dos homens, permite a restrição de escolhas (e conseqüentemente do repertório) das mulheres, mantendo-as na condição de exploração e opressão (Terry et al., 2010). Há que se considerar que práticas controladoras de exploração, que mantêm restrito o repertório comportamental dos grupos explorados, torna mais difícil que eles exerçam o contracontrole e modifiquem essa relação de opressão, gerando um processo de retroalimentação desse desequilíbrio de poder. O fato de o papel das mulheres na sociedade ter sido tradicionalmente mais limitado que o dos homens acaba por tornar disponível aos homens uma gama mais ampla de contingências alternativas de poder (Biglan, 1995). Portanto, “a dominação sobre as mulheres pelos homens significou “mantê-las restritas a um repertório comportamental limitado através do poder histórico de rearranjar as contingências” (Terry, et al. 2010, p. 284)

Tal citação serve para que possamos refletir sobre as construções sociais que nos cercam, as possibilidades de comportamentos estão diretamente relacionadas e selecionadas desde muito antes das ideias da teoria de gênero, as relações de poder são marcos que delimitam as possibilidades comportamentais dos sujeitos.

Ainda na ideia da manutenção desse padrão as noções da desigualdade de gênero e do patriarcado dominante, molda ambos os padrões, de masculino e de feminino, em todos os ambientes que essas pessoas se comportam. A exemplo disto como pontuado por De Godoy Nicolodi, Hunziker, (2021, p. 171 e 172), a criação dos filhos demonstrar claramente essa manutenção cultural:

É importante analisar que os comportamentos, regras e contingências sociais que constituem o patriarcado não só moldam o repertório comportamental de homens, como também o de mulheres. Ou seja, as

contingências patriarcais são tão “naturalizadas” e disseminadas na nossa cultura a ponto de controlarem os comportamentos de mulheres no sentido de manter o desequilíbrio vigente. Assim, no longo prazo, elas também contribuem para que seus repertórios comportamentais permaneçam restritos e, conseqüentemente, sofram prejuízos. Isso pode ser visto com frequência na educação dos filhos, verificando-se que não só os pais como as mães também podem se comportar diferencialmente a depender do gênero das crianças. Por exemplo, uma mãe que tenha uma filha e um filho, muito provavelmente vai exigir da sua filha que realize atividades domésticas, tais como cozinhar ou arrumar a casa, mas não exigirá isso do filho. Possivelmente isso se dá porque a mãe está sob controle da regra social patriarcal de que mulheres são responsáveis pela execução das tarefas domésticas; logo, o esperado é que a exigência recaia sobre a filha, mas não sobre o filho, mesmo que ambos morem na mesma casa e a sujem igualmente, comam a mesma comida, etc.

As ideias feministas, que vem de encontro com a hegemonia comportamental historicamente impostas, uma vez que a quebra desse padrão hegemônico, cria margem para que seja repensado os padrões de comportamento para homens e mulheres, criando assim um ambiente que possibilite uma variação comportamental que irá de encontro com padrões historicamente reforçados.

### **2.3 O gênero e o Teatro**

O teatro, no senso comum, é conhecido como um ambiente dito como de boêmia, promiscuidade, deturpação social, descrença de valores, desvios morais e afins, por se propor a pensar as muitas realidades possíveis de serem experienciadas na vida. As noções equivocadas acerca dos ambiente teatral fora do convencional, o teatro clássico, as óperas, os espetáculos que são voltados para um público consumidor elitizado são vistos e entendidos como algo abominável.

O teatro para além dos produtos ofertados para entretenimento, é um local de debates sobre temáticas delicadas, articulações sobre vivências, troca de experiências, interação com novas formas de pensar e possibilidades para repensar o dia a dia. Os jogos e o processo teatral marcam como os participantes ali construíram os conhecimentos que são levados como temáticas, e o gênero não será diferente, através dos jogos e processos lá presentes a temática será trabalhada.

É oportuno acrescentar que os participantes envolvidos tiveram a oportunidade de articular a teoria com a prática teatral. Nesse momento, padrões de comportamento e papéis sociais vinculados às relações de gênero, assim como, as múltiplas possibilidades de construção das

subjetividades dos corpos foram levadas para o espaço da cena.(TONIN E MARTINS, 2012, p. 139)

Hoje compreendido como um espaço educacional possível de trabalhar de forma amplas e em um processo educacional mais libertador, o teatro se mostra como um local de pesquisas favoráveis, de intervenções possíveis e que almeja compreender por meio de seus pesquisadores como esse local pode influenciar nas questões de gênero.

Nas suas oficinas e na vida dos sujeitos que se colocam à disposição para participar de um processo teatral. “TO também pode ser entendido como esse lugar que tem como aspiração fazer com que qualquer pessoa possa encontrar alternativas para situações de opressão, especialmente quando são situações já experienciadas/ensaiadas a partir da técnica.” (EVELYN, BIAR, 2015, n.p).

Essa experiência evidenciou que o teatro é uma área de conhecimento que tem como uma das principais características a relação dialógica, e, por isso mesmo, proporciona a discussão reflexiva sobre variados assuntos e temas sociais. Ao longo de todo o curso, os padrões sociais e de comportamento rigidamente estabelecidos na sociedade heteronormativa foram problematizados. (TONIN E MARTINS, 2012, p.140)

Pereira Júnior (2016), em sua dissertação de mestrado, fez uma análise sobre a construção da ideia de gênero baseada no grupo Teatral Dzi Croquettes, analisando o espetáculo “Gente computada igual a você”, no período da década de 70 no Brasil, e trouxe em sua pesquisa paralelos entre o que foi apresentado no espetáculo, sua construção, visão dos artistas e produção - sob a ótica das teorias de gênero, assemelhando-se às ideias bases dessa pesquisa.

Apontando que na década de 70 e posteriormente, os registros sobre as construções e articulações no teatro pensados com relação ao gênero e nos corpos não convencionais não tiveram o foco merecido - por levantarem questões que na época eram pouco exploradas, mas que hoje representam uma grande área de pesquisa. Isto é marcado por Pereira Júnior (2016) na historicidade do teatro brasileiro não foram registradas com olhares mais aprofundados. “Experiências artísticas que descrevem ações que demonstram outros corpos que não se enquadram na construção binária são esquecidas no decorrer do tempo e dos registros, ou são renegadas a pouca valorização na descrição do período” (PEREIRA JUNIOR, 2016, p. 57).

Contraposto às ideias de não viabilizar tais diferenças, Evelyn e Biar (2015) propõe em seu protocolo a extrapolação das discussões acadêmicas no âmbito fechado da academia, levantando uma intervenção ao público para que seja debatido dentro das experiências do teatro as questões de gênero de formas construtivas diretamente com os participantes, levando as questões e criando o espaço para reflexões.

Com a elaboração deste protocolo para uma oficina de Teatro do Oprimido foi possível, em primeiro lugar, sistematizar direções de um estudo que se volta para questões de gênero fora do âmbito acadêmico exclusivo, isto é, que não apenas contribui para estudos de discurso ou gênero, mas que, além disso, torna palatável e possível a grupos em idade escolar a reflexão sobre desnaturalização de rótulos. (EVELYN, BIAR, 2015, n.p)

Pode-se perceber que existe um movimento em relação aos estudos de gênero dentro do espaço teatral, que perpassa a ideia que os participantes possuem sobre tal assunto (as intervenções baseadas em ressignificar o gênero), compreendendo novas formas de conhecimento sobre este, fazendo os participantes repensarem de forma coletiva sobre a construção da ideia de gênero bem como sobre si próprios.

### **3. ENTÃO, O TEATRO É UM AMBIENTE REFORÇADOR E NÃO PUNITIVO?**

Neste capítulo serão vistas ideias, teorias e a junção do conteúdos dos demais capítulos desta pesquisa, a fim de demonstrar sobre a correlação entre os dados levantados no decorrer da pesquisa para subsidiar os objetivos geral e específicos deste trabalho, pontuados em cima do problema pesquisado, apontando as hipóteses corretas e o conteúdo que pode ser construído em cima do que foi inicialmente imaginado.

#### **3.1 Seria o Teatro um Local Ideal Para a Construção do Gênero?**

O Teatro é entendido como um espaço construtivo, sendo assim, as possibilidades dentro deste ambiente se tornam quase que infinitas, os processos teatrais (marcados pelas relações entre os participantes, os mediadores e as atividades propostas) demonstram que esse contexto de construção coletiva potencialidades podem ser desenvolvidas, treinadas, pensadas e repensadas inúmeros contextos do dia a dia, habilidades, percepções sobre si e sobre o outro entre outras coisas.

A Arte propicia a oportunidade de o sujeito expressar, por meio do mundo fictício, as suas ideias e os seus próprios sentimentos e emoções em direção a novas percepções sobre aspectos extraídos de sua vida cotidiana. A escola pode ser compreendida como um espaço fértil à implementação das condições necessárias para o questionamento das injustiças e das relações sociais de desigualdade. (TONIN E MARTINS, 2012, p. 138.)

Assim, pode-se perceber que o teatro não se trata apenas de espetáculos, o teatro é um lugar político. Um local que pensa as contemporaneidades, que constrói conhecimento, e apresenta possibilidades de repensar toda a estrutura a qual conhecemos, vivemos e aceitamos. Em um espiral de conhecimentos que se agregam e somam forças para pensar a construção social e a construção individual de cada sujeito que se põe presente e se expõe às atividades propostas em oficinas teatrais - muito mais do que o produto, o processo se torna uma variável fundamental.

Nessa perspectiva, a Arte é de fundamental importância o processo de desestabilização de modelos pedagógicos tradicionais norteados pela mera transmissão e recepção de conteúdos. Contudo, para além de um mero entretenimento, tal como outras disciplinas que compõem a matriz curricular, essa área de conhecimento é de suma relevância para desenvolvimento de novos saberes, novas leituras de mundo. Destaca-se que as linguagens artísticas – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – possuem história, conteúdos e metodologia específicos, requerendo sua continuidade e sistematização no processo de ensino e aprendizagem. (TONIN E MARTINS, 2012, p. 138 e 139)

Assim, segundo Evelyn e Biar (2015, n.p) o TO<sup>4</sup>, como pesquisado e publicados pelas autoras, permite que os participantes das oficinas mediadas por elas, pudessem refletir acerca de questões ligadas a gênero, no decorrer dos jogos teatrais propostos e baseados no TO. “[...] através de seus jogos, torna atores – e não mais espectadores – seus participantes, e nosso objetivo é que eles ensaiem em cena o que potencialmente performaram em suas vidas sociais” (EVELYN, BIAR. 2015, n.p), fazendo um treino e um processo que pode ser entendido como modelagem<sup>5</sup>

Neste sentido, a compreensão histórica sobre as noções enraizadas que serão afluídas, debatidas, pensadas, recriadas, dentro dos jogos realizados nas oficinas, que possuem entre seus objetivos justamente despertar nos participantes essa criticidade sobre as regulamentações do gênero, os comportamentos que são culturalmente refletidos em falas, que estão naturalizadas em um aspecto cotidiano.

Pensar sobre gênero é pensar necessariamente sobre essas relações, marcadamente culturais e históricas, não negando a materialidade dos corpos, mas entendendo que esses corpos só são inteligíveis (compreensíveis) a partir de processos de significação culturalmente, historicamente e politicamente construídos. (BORTOLINI, 2014, p.19).

Na estruturação apresentada no artigo Evelyn e Biar (2015) podemos perceber que as atividades propostas por elas, possuem um intuito maior do que unicamente os processos visíveis. Trata-se de um processo em camadas, que

---

<sup>4</sup> Surgido em 1960, o Teatro do Oprimido possui diversas características singulares. Por exemplo, é um método que une teatro e política, é um teatro que visa à transformação social, é um método teatral que recupera a participação do público posta de lado pelo sistema teatral aristotélico, que separou atores de espectadores e determinou quais seriam seus respectivos lugares e suas respectivas funções. O TO reinventa tudo isso: chama o espectador a ser também ator – de maneira totalmente prática. Isto é, ele convida o espectador a entrar na cena e atuar. Dessa forma, ele se sustenta na ideia de que todos somos atores e que, atuando, melhor dizendo, ensaiando no teatro, podemos nos preparar melhor para a vida:

<sup>5</sup> SKINNER (2003, p.101) “o condicionamento operante modela o comportamento como o escultor modela a argila. [...] No mesmo sentido, um operante não é algo que surja totalmente desenvolvido no comportamento do organismo. É o resultado de um contínuo processo de modelagens”.

fomenta que os participantes comecem um processo reflexivo de autoconhecimento, indagando sobre o que se passou no decorrer da atividade, a fim de incentivar a construção de forma coletiva sobre os assuntos tratados, os objetivos das atividades e o resultados obtidos por cada um no decorrer do processo.

Sendo assim, ter consciência sobre si próprio auxiliará no processo de discriminação do próprio comportamento, do corpo e da construção proposta, uma vez que os sujeitos que participaram dessa oficina estavam em um processo de autoconhecimento. “Ter consciência de si corresponde ao comportamento de discriminar comportamentos próprios e variáveis que os controlam. O autoconhecimento é autoconsciência, então, autoconhecimento é autodiscriminação de comportamentos e estímulos a eles relacionados.” (BRANDENBURG, WEBER, 2015, p. 88).

Entende-se que nessas perspectivas e dentro das possibilidades compreendidas neste contexto idealizado, a construção do gênero acaba se tornando muito mais significativa, tendo uma série de possibilidades isentas de punição, em um contexto que propicia uma vivência singular a partir de experiências coletivas e da construção conjunta e das reflexões propostas do decorrer das atividades para construção dos significados propostos.

### **3.2 O Teatro Pode Ser um Espaço Não Punitivo**

Segundo Henklain e Carmo (2013) o Behaviorismo Radical adota as seguintes concepções: o comportamento humano está sujeito a leis universais, mas cada pessoa é única na medida exata em que possui uma dotação genética específica e uma história de aprendizagem característica em um contexto cultural determinado; o comportamento é passível de compreensão e explicação, é um fenômeno construído ao longo da história; e o comportamento humano é uma relação, modifica o mundo ao seu redor e, nesse processo, também sofre modificações. As consequências do seu comportamento o modificam como um todo.

[...]nem o homem nem o mundo são absolutos, mas são interdependentes no que diz respeito a como se modificam ao longo do tempo. A cada nova relação, teremos, portanto, um homem e um mundo diferentes. Assim, o homem é visto como sujeito ativo e não como receptáculo que sofre passivamente as influências do ambiente. (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 711)

De acordo com os níveis de seleção de comportamento, seleciona-se comportamentos em três níveis, sendo a cultura um deles - que é um importante agente de controle do comportamento humano. Guedes (2011) afirma que uma cultura é definida como uma entidade abstrata que possui uma temporalidade incerta. Uma cultura envolve hábitos comportamentais e produtos desses hábitos (que são fenômenos comportamentais e ambientais) que se refletem e passam entre indivíduos e gerações. Não é uma entidade única que pode ser definida de qualquer forma.

Skinner (1969) denota que a educação é fundamentalmente um agente de transmissão de cultura, transmitindo aos sujeitos mais novos de uma sociedade o saber que foi historicamente produzido e fixado através de gerações. Contribui ainda de forma essencial para o bem-estar dos sujeitos, uma vez que é através da cultura que serão ensinados a estes os comportamentos que irão proporcionar mais vantagens - no que tange o processo de interação social presente e futura.

[...]o objetivo último da educação é o desenvolvimento de comportamentos que serão vantajosos no futuro. Isso envolve ensinar comportamentos como autocontrole, resolução de problemas e tomada de decisão, os quais devem dar chances ao indivíduo de contribuir com a sobrevivência de sua cultura. (HENKLAIN; CARMO, 2013, p.712).

Andery (2011) argumenta que a cultura trata-se de um fenômeno supra-comportamental<sup>6</sup> que precisamos compreender para entender o próprio comportamento humano. As culturas, por sua vez, só podem ser adequadamente explicadas como fenômeno levando em consideração a veracidade de que elas constituem um comportamento operante.

Se expor aos contextos e as contingências ali presentes será a ponta inicial para essa seleção de comportamentos, pois, como visto, a cultura é um nível de seleção comportamental, e, portanto, delimita uma série de comportamentos. Não seria diferente no teatro, no qual a exposição às contingências ali contidas mediam o repertório ao qual aqueles sujeitos apresentaram posteriormente.

---

<sup>6</sup>Já Glenn (2004) apresenta uma definição com outros contornos. Cultura seria então definida como “padrões de comportamento aprendido transmitidos socialmente, bem como os produtos desses comportamentos (objetos, tecnologias, organizações, etc)” (p. 139). Tal posição leva Glenn a chamar os eventos culturais de algo supra-orgânico (2004, p. 139), e até mesmo supra-comportamental (2010, p. 79), ou seja, eventos cujas dimensões se estendem para além da atividade de organismos individuais, denominados pela autora “linhagem cultural”. (FERNANDES, CARRARA, ZILIO. 2017, pág. 267)

É oportuno acrescentar que os participantes envolvidos tiveram a oportunidade de articular a teoria com a prática teatral. Nesse momento, padrões de comportamento e papéis sociais vinculados às relações de gênero, assim como, as múltiplas possibilidades de construção das subjetividades dos corpos foram levadas para o espaço da cena. (TONIN E MARTINS, 2012, p. 139.)

Sendo assim, todas as aquisições humanas estão relacionadas à submersão da espécie em um ambiente fundamentalmente social que favoreceu a emergência da cultura e das práticas culturais. A eficácia ou ineficácia de determinadas práticas de relacionamento social pode regular sua adoção ou não pelos membros do grupo. Essas concepções também podem ser aplicadas principalmente às habilidades sociais. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

[...]No contexto da transmissão de padrões de relacionamento interpessoal, as práticas culturais que caracterizam os processos de educação (formal ou informal) e de relacionamento familiar (pais-filhos, conjugais) envolvem também, necessariamente, comportamentos sociais de indivíduos em interações sociais e se caracterizam por redes complexas de interdependência, tornando evidente a importância das habilidades sociais nesses contextos. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017, p.110).

A dicotomia aversivo-não-aversivo deriva da distinção de senso comum entre bom-mau, agradável-desagradável e outras relações antagônicas semelhantes. Para quem não domina tal conhecimento, os diferentes relacionamentos identificados como aversivos têm como fator comum a sensação de serem indesejáveis ou desconfortáveis. Em linguagem não técnica, é considerado agradável ganhar algo de que se gosta, assim como é desagradável perdê-lo, tendendo assim a evitar tais situações. (HUNZIKER, 2011).

De acordo com o que fora supracitado, quando um comportamento é emitido pelo indivíduo e é reprimido através de processos punitivos, a tendência é que esse comportamento diminua a frequência de emissão. Logo, a cultura e educação enquanto agentes de controle de comportamento, tendem a modelar os comportamento dos indivíduos de acordo com o que for definido por um grupo dominante como adequado.

Assim, aos assimilarmos o ambiente que é entendido como educacional não punitivo, com os processos teatrais citados ao longa da pesquisa, podemos perceber que existe a possibilidade cabível, da construção de gênero em uma perspectiva menos opressora e punitiva, experienciando a vivência e a construção do próprio conceito de gênero, em um processo singular e que possuindo algumas variáveis poderá ser livre de punições, modelando de forma menos abrupta

comportamentos que montaram um repertório para que aquele sujeito possa se perceber e se identificar dentro de seu repertório de comportamento, os comportamentos mais adequados para a sua livre expressão de gênero.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo fazer uma análise e um paralelo entre o ambiente do teatro, expressão de gênero e Análise do Comportamento, para tal, foi colocado como ponto consonantes das teorias a construção de gênero dos participantes, aliando as teorias de gênero, teatro e behaviorismo, as áreas teóricas apesar de quando vista inicialmente serem áreas distintas, possuem noções aplicáveis para a construção das pesquisas.

No decorrer deste trabalho foi buscados dados que corrobora com a ideia central proposta pela pesquisa, os dados buscados em 3 grandes áreas de estudo, o Teatro, as Teorias de Gênero e na Análise do Comportamento, buscando nas fontes utilizadas no decorrer dos estudos teóricos, para que pudesse confirmar ou refutar as hipóteses inicialmente levantadas.

Para que os resultados pudessem ser obtidos as teorias estudadas foram pareadas na construção do trabalho, a fim de que os conteúdos se somassem, obtendo ao longo dos capítulos uma coerência acerca dos dados levantados com as ideias propostas na pesquisa.

Durante a investigação teórica ficou nítido que ainda há uma carência com relação a investigação sobre a temática abordada na óptica ao qual esta pesquisa foi feito, existe um campo rico, que impacta a vida de inúmeras pessoas que necessita ser foco de pesquisas a fim de reafirmar as possibilidades da construção de gênero de forma mais saudável e não punitiva.

Notou-se que os estudos de gênero em AC focam em dados históricos, comportamentos culturais, investigações de padrões sociais, mas que não delimitam as pesquisas para ambiente específicos como o teatro, ainda não sendo uma realidade, cabendo a possibilidade de criar pesquisas que voltem os conhecimentos já consolidados para a captação de mais dados para a AEC, e para a ABA.

Os dados levantados com relação a AC possuem fundamentação profunda e pesquisa muito trabalhadas, o conhecimento usando para subsidiar a pesquisa a nível teórico fora, de acesso fácil e compreensível, as ideias amplamente difundidas sobre a performatividade de gênero de Butler puderam ser correlacionadas de forma plausível com a seleção por consequência, assim, abrindo margem para que a proposta desta pesquisa pudesse se subsidiar e apontar que um

ambiente controlado e livre a construção do gênero pode se dar em uma perspectiva diferenciada.

Notou-se que dentro do ambiente teatral existe uma possibilidade de construção de repertório comportamental gigantesco, uma vez que, seguindo o que foi encontrado nas propostas pensadas dentro do teatro, se assemelham como um ambiente e uma audiência não punitiva.

Ou seja, a possibilidade de uma construção mais livre e com menor acesso a punição, gera um ambiente confortável para a experimentação do próprio comportamento, em um processo de autoconhecimento, em uma construção coletiva, onde o objetivo focal é pensar sobre o que se propõe ao longo das oficinas.

Um ambiente livre, que incentiva os seus participantes a criar novos significados sobre sua própria experiência subjetiva, pensando sobre noções socialmente enraizadas, demonstrando a possibilidade de compreender sobre o próprio corpo, as ideações sociais que vivem desde sempre, e os impactos disso.

Sendo reforçado para que se comportem das mais diversas topografias, entendo a função dos próprios comportamentos, as regras sociais, a força das agências de controle de comportamento e a cultura ao qual os participantes estão inseridos.

Cabendo ainda uma investigação de campo, para validar de forma factual as ideias teóricas casadas neste trabalho, possibilitando uma real construção de um conhecimento necessário, que pode alcançar um público gigantesco, de participantes, pesquisadores e estudiosos do teatro que têm interesse na sua própria compreensão, na possíveis construções e contribuições que a área pode gerar.

Como foi pontuado ao longo do trabalho apesar de não ser um espaço de terapia o ambiente do teatro pode ser um terapêutico, e com isso pode ser um reforçador de alto valor, para os participantes que estão exposto a ele, as contingências que ali se apresentam favorecem uma construção mais saudável da compreensão individual.

A pesquisa focou nos aspectos positivos, abrangendo o reforço positivo e as audiências não punitivas das oficinas, entretanto, existe a possibilidade de haver também contingências aversivas, que não foram pontuadas de forma clara mas que podem se fazer presentes dentro do ambiente teatral, o que por sua vez, seguindo o que é teorizado na AC poderá impactar de forma diferente na construção da expressão de gênero dos participantes do teatro.

A punição seja ela positiva ou negativa, não ensina comportamento e por sua vez gera subprodutos, com isso, considerando o referencial teórico adotado na pesquisa, entende-se que existe e cabe também a investigação acerca da punição dentro do teatro e como ela impacta no repertório comportamental dos sujeitos ali presente

No decorrer da pesquisa, houve dificuldade em encontrar dentro dos artigos, livros, periódicos utilizados como fonte, pesquisas que seguissem a mesma linha abordada nesta, assim, os demais textos para a construção deste TCC precisaram de um aproveitamento minucioso em cima dos conteúdos mais próximas do objetivo desta pesquisa, que dessem margens para alinhar a ideia central da pesquisa como o conteúdos das fontes pesquisadas.

A idealização da pesquisa baseou-se na história de vida do pesquisador, que fez durante o ensino médio aulas de teatro através do PIBID na sua escola, observando posteriormente, no decorrer da graduação, que existia nesse ambiente um possibilidade de pesquisa, relacionado-a com sua trajetória dentro da graduação em psicologia, estudando no decorrer dos períodos sobre gênero, alinhado a abordagem que mais se identificou, e utilizando suas memórias de participante das aulas de teatro para pesquisar sobre o ambiente do teatro como um ambiente e audiência não punitiva.

Não somente pela motivação pessoal do pesquisador, mas também pela necessidade de criar pesquisas psicológicas voltadas para a área do teatro, um ambiente rico em relações interpessoais, criação de grupos, vínculos, estabelecimentos de regras, construção de pensamento crítico, ambiente de oportunização de vivenciar performances diferentes das cotidianas, livre da ideia binarista do gênero, experienciando uma ambiente controlado que permita a possibilidade de repensar a construção da própria subjetividade.

O conceito de audiência não punitiva se assemelha com as noções propostas nas oficinas, similar aos espaços terapêuticos, o teatro se propõe a ser um ambiente de livre expressão, sem preconceitos, onde seja possível um vínculo estabelecido da melhor forma possível, baseada em confiança para que temáticas relevantes sejam trabalhadas.

Assim, com os resultados obtidos nessa pesquisa, pode-se concluir que existem evidências bibliográficas que confirmam que o teatro pode ser compreendido como um ambiente não punitivo para construção e expressão de

gênero, sendo um espaço controlado, que baseia-se em audiências não punitivas e na livre expressão dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ANDERY, Maria Amalia Pie Abib. Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 203-217, 24 ago. 2017. Associação Paradigma - Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. <http://dx.doi.org/10.18761/perspectivas.v2i2.69>.
- BALÇA, Angela Balça Balça et al. O teatro do oprimido: mediação e construção da autonomia. **Educar em Revista**, v. 38, 2022.
- BRANDENBURG, Olivia Justen; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. **Psico-USF**, v. 10, p. 87-92, 2005.
- BORTOLINI, Alexandre et al. Trabalhando diversidade sexual e de gênero na escola: currículo e prática pedagógica. **Rio de Janeiro: UFRJ**, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu**, p. 249-274, 2014.
- CUNHA, Elianne Madza de Almeida et al. Identidade de gênero em situação de brinquedo: um estudo com crianças pré-escolares. 2008.
- DE GODOY NICOLODI, Laís; HUNZIKER, Maria Helena Leite. O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 17, n. 2, 2021.
- DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais e análise do comportamento. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 104-115, 23 ago. 2017. Associação Paradigma - Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. <http://dx.doi.org/10.18761/perspectivas.v1i2.33>.
- DOS SANTOS, Luana Sousa; VALVERDE, Mirella Hoschette Dearo; RUBIO, Adriana Regina. O movimento feminista no Brasil sob a ótica do Behaviorismo radical. **Psicólogo inFormação**, v. 21, n. 21-22, p. 81-97, 2017.
- EVELYN, Wograine; BIAR, Liana. Teatro do Oprimido e performances de gênero: uma proposta de intervenção. **Pesquisas em discurso pedagógico**. Rio de Janeiro, 2015.
- FERNANDES, Diego Mansano; CARRARA, Kester; ZILIO, Diego. Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura<sup>1</sup>. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 25, n. 2, p. 265-280, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4<sup>o</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Maria Luisa. Porque o controle aversivo não é uma possibilidade na clínica. **Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 19, p. 65-70, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274520890007.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In: Maria Zilah Brandão, Fátima C. S. Conte e Solange M. B. Mezzaroba (Orgs.). *Comportamento Humano: Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André: ESETEC, 2002.

HENKLAIN, Marcelo Henrique Oliveira; CARMO, João dos Santos. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 43, n. 149, p. 704-723, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742013000200016>.

HUNZIKER, Maria Helena Leite. Afinal, o que é controle aversivo?. **Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 19, p. 9-19, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274520890003.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LIMA, Damiana Santos de; NETO, José Umbelino Gonçalves. A AUDIÊNCIA NÃO PUNITIVA COMO FERRAMENTA NA RELAÇÃO TERAPEUTA CLIENTE: COMO PRODUZIR INTIMIDADE NO CONTEXTO CLÍNICO. In: MOSTRA DE PSICOLOGIA DO SPA, 14., 2015, Quixadá. **Anais [...]** Quixadá: FCRS, 2015.

MACHADO, Adriana Bloemer; KASTELIC, Eloá Soares Dutra. *As Relações Interpessoais no Espaço Educativo*, 2016.

OLIVEIRA, Alan Barbosa de. A INFLUÊNCIA DA AUDIÊNCIA NÃO PUNITIVA SOBRE A ESQUIVA EXPERIENCIAL E A RELAÇÃO TERAPÊUTICA. **CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA**, p. 38, 2015.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ARAÚJO, Maria de Fatima. Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 340-355, 2012.

PASCOTO, Renata et al. Primeiras manifestações de identidade de gênero: Um estudo com crianças de 16 a 18 meses. 2006.

PATRICIO, Beatriz Monteiro de Carvalho. " O segundo sexo" e a análise do comportamento: ilustrações da desigualdade de gênero a partir de contingências de reforçamento na infância. 2021.

PEREIRA JUNIOR, Jurandir Eduardo. **NEM HOMEM, NEM MULHER, GENTE: TRAJETÓRIA DO GRUPO DZI CROQUETTES ENTRE O PASSADO E REFLEXÕES NO PRESENTE**. 2016. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teatro, Departamento de Arte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Cap. 3.

QUEIROZ, Luciano Barbosa de; MEDEIROS, Fabio Hernandez de. Possibilidades da Análise Funcional do Comportamento Verbal para a Prática Clínica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 143-154, 12 jul. 2022. Associação Paradigma - Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. <http://dx.doi.org/10.18761/paca1ba51>. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/885/442>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SILVA, Carlos Eduardo da. A dinâmica das relações interpessoais em teatro de grupo: pressões externas e tensões internas na experiência de coletivos teatrais brasileiros, 2014

SKINNER, B. F. **Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1953/2000.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e comportamento humano*. 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. Seleção por conseqüências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 1, p. 129-137, 2007.

TONIN, Juliana; MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. O ensino do teatro e as múltiplas identificações de gênero e sexualidade. **O Mosaico**, 2012.

VANDENBERGHE, Luc; PEREIRA, Mychelle Borges. O Papel da Intimidade na Relação Terapêutica: Uma Revisão Teórica à Luz da Análise Clínica do Comportamento. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, [S. I.], v. 7, n. 1, p. 127-136, 2005. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1031>. Acesso em: 14 nov. 2022.